

DIÁLOGOS SOBRE O “HABITAR”: UMA LEITURA DE *E... FEITO DE LUZ*, DE ANA CRUZ, EM CORRESPONDÊNCIA AOS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DE HEIDEGGER

Amanda Gusmão Santos¹

RESUMO: A noção de pertencimento ao lugar de origem está arraigada à obra *e... Feito de luz* (1995), da autora mineira Ana Cruz, na qual o eu lírico retorna, por meio de um caminho memorialístico, ao seu passado no interior de Minas em busca de sua identidade. Paralela a essa leitura, observamos que as proposições do filósofo Martin Heidegger, em sua conferência *construir, habitar, pensar* (1954), dialogam com os versos da autora mineira sob a perspectiva de que o “habitar” recolhe o sujeito ao seu interior a partir de sua identificação com o lugar em que se habita. Neste trabalho, portanto, analisaremos um recorte de poesias em consonância com a teoria de Heidegger. E, para a leitura e análise, faremos um estudo de cunho interpretativo-qualitativo, de caráter bibliográfico das poesias elegidas da obra selecionada.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Cruz; *E... Feito De Luz*; Martin Heidegger; Habitar; Pertencimento.

ABSTRACT: The notion of belonging to the place of origin is rooted in the work *e... Feito de luz* (1995), of the regional author Ana Cruz, in which the poetic persona returns through a memory path to his past in the country side of Minas in search of his identity. Parallel to this reading, we can observe that the given propositions of the philosopher Martin Heidegger, in his conference *build, dwell, think* (1954), dialogues with the regional author’s verses under the perspective that the “dwell” collects the individual to his inside from his identification with the place where he inhabits. Therefore, in this study, we will analyse a clipping of poetry in compliance with Heidegger’s theory, and for reading and analyzing we will do an interpretative-qualitative study of bibliographic character of the chosen poetry from the selected literary work.

KEY-WORDS: Ana Cruz, *E... Feito De Luz*, Martin Heidegger, Dwell, Belonging.

O conceito de “habitar”, discutido pelo filósofo Martin Heidegger em sua conferência *Construir, habitar, pensar* (1954) suscita reflexões sobre o sentido do ser a partir do ato de sentir-se pertencente a um lugar e, por consequência, a si. Paralelamente a essas premissas, a perspectiva do pertencimento de um ser a um espaço é compreendido na obra *E... Feito de luz* (1995), da autora Ana Maria da Cruz, em que o eu lírico fragmenta-se pela ausência de seu lugar de origem, no qual deixou todas as suas vivências. Pela memória, no entanto, firmada na escrita poética, o sujeito lírico refaz-se. A partir das propostas do texto literário e do conceito referido pelo filósofo, estabeleceremos um paralelo de discussões em relação à ideia de pertencimento a um lugar, o qual interfere na formação do indivíduo.

Ao visitarmos estudos a respeito da Literatura afro-brasileira, defrontamo-nos com uma escritora mineira, de origem banta e descendente indígena. Ana Cruz nasceu e passou sua

¹Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários (PPGL/EL), da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes. E-mail: amanda.gusmaosantos34@gmail.com

infância na cidade de Visconde do Rio Branco, MG. As vivências no interior de Minas estreitaram os laços com o seu lugar, seus familiares e sua ancestralidade africana, o que culminou em uma infância simples e feliz. Outro elemento marcante nos primeiros anos de sua vida foi a escrita: a menina do interior venceu um concurso de redação promovido pelo jornal de sua cidade.

Ana Cruz, no entanto, distancia-se de sua infância e do lugar ao qual sentia-se pertencente pela saída da família rumo à cidade grande, neste caso, Volta Redonda, RJ. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro e deu início aos estudos em Jornalismo. Este ato de saída, de ruptura com suas raízes, fez com que ela, agora mulher, se sentisse distante do seu lugar e de si. Assim sendo, este mecanismo de ausências a levou a retomar a escrita, outrora deixada na infância. E, agora, pela palavra ela se refaz e revisita seu passado em Minas. Conforme Gizêlda Melo do Nascimento:

E o vazio começa a ser preenchido pela escritura. Neste momento, como num gesto de sobrevivência, agora existencial, redescobre Minas. Minas da infância, das reminiscências da menina que um dia esteve lá inteira (NASCIMENTO, 2011, p. 446).

A inteireza da menina é transferida aos versos, os quais emergem como um clamor frente às questões raciais e sociais de uma minoria, negra, marginalizada socialmente. As obras *E... Feito de luz* (1995), *Com o perdão da palavra* (1999), *Mulheres Q'rezam* (2001), *Guardados da memória* (2008) e *Eu não quero flores de plástico* (2016), em linhas gerais, segundo Nascimento (2011), podem ser analisadas sob duas perspectivas: denúncia das adversidades sociais enfrentadas pelo sujeito negro em um cenário urbano e a afirmação da identidade.

Há, portanto, duas vias em relação ao trabalho poético da autora. Sendo assim, faremos um percurso pelo universo de *E... Feito de luz*, o qual amarra-se às discussões acerca da afirmação da identidade. Essa produção, publicada inicialmente em 1995, contém 33 poesias que são configuradas à obra como pontos fundamentais para se refletir sobre questões vivenciadas pelo sujeito negro.

Em *E... Feito de luz*, a imagem da mulher negra é realçada por meio da voz lírica que afirma seus anseios como mulher, como amante e sujeito social. O eu poético sabe e tem a ousadia de falar ao seu amado sobre seus desejos e é capaz de negar o que não lhe convém em uma relação amorosa. Essa voz feminina tem um olhar atento e crítico aos eventos que ocorrem

na sociedade, reconhece a negação do lugar do negro durante séculos por uma hegemonia branca e, justamente por consequência desse ato de rejeição, busca se afirmar como mulher negra e encontrar seu lugar no âmbito social.

Há, contudo, um elemento maior, o qual estreita os espaços entre as temáticas elencadas, aproximando-as: as reminiscências de uma infância em Minas, de um eu poético que sente saudade e retorna ao seu lugar de origem por meio da memória. Vejamos as proposições de Nascimento:

Pela memória/Minas, sua ancestralidade africana revelada. Minas/memória, lugar onde embalar os sonhos frequentemente assaltados pelo pesadelo da cidade grande, do progresso estéril da urbanidade de seu presente (NASCIMENTO, 2011, p. 449).

Portanto, a ruptura ocorrida entre os períodos de infância e início de juventude da menina Ana Cruz, o ato de retirar-se de seu local de origem e entrar em contato com uma realidade social bem diferente do que vivia, fomentou em seu interior um sentimento de fragmentação que só pôde ser restaurado por meio de suas memórias gravadas, agora, pela palavra. Neste momento, percebemos que algumas vivências são refletidas em seus versos. Ao observarmos esse ponto, vale ressaltar o termo proposto pela escritora Conceição Evaristo (2014): “escrevivência”, o qual designa o imbricamento entre a vida do autor a sua literatura, de modo que vida e escrita tendem a se confundir.

No texto “Nos gritos d’oxum quero entrelaçar minha escrevivência”, Evaristo nos apresenta a seguinte fala a respeito de uma de suas obras: “Quando digo que é uma espécie de ficção da memória é justamente porque alguns eventos reais inspiraram a criação do texto” (EVARISTO, 2014, p. 30). De forma singular, a autora apresenta-nos essa expressão, a “escrevivência”, para mostrar como ocorre o processo de interligação entre a memória de vida e a criação literária.

A partir disso, podemos entender que a criação de um lugar poético – no âmbito da escrita – é uma maneira de resgatar seu espaço, suas vivências, seus familiares e sua ancestralidade. Assim, o eu lírico em *E... Feito de luz* insere-se na rememoração de seu passado em Minas, resgatado pela escrita, para se recompor e afirmar as diversas questões tecidas na obra.

As perspectivas fomentadas pela leitura de *E... Feito de luz*, em que percebemos um eu poético que se sente não pertencente ao local de que faz parte por ter suas raízes cravadas em

seu passado, faz-nos considerar de fundamental relevância a conferência *Construir, habitar, pensar*, proferida por Heidegger em 1951. Realizaremos, portanto, um paralelo para discussões entre a concepção do “habitar” proposto por Heidegger e a ideia de pertencimento ao espaço constituído na memória do eu lírico em *E... Feito de luz*.

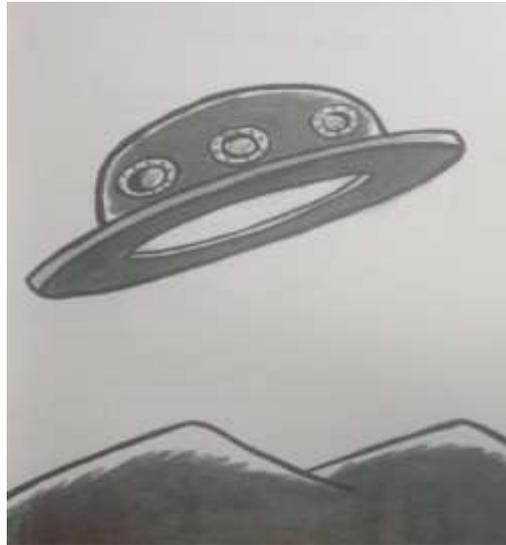
Heidegger introduz sua conferência por meio de questionamentos que abrem o campo de discussões a respeito dos termos “construir” e “habitar”. Inicialmente, ao buscar o cerne desses vocábulos, o filósofo transfere-se à linguagem, pois “O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem” (HEIDEGGER, 1954, p. 1). Ela – a linguagem – é uma potência que se encontra no ser, o domina e, desse modo, coloca-se acima do sujeito. Pela potência que a linguagem oferece, o filósofo investiga todos os sentidos originalmente designados aos termos “construir” e “habitar” para perceber as relações entre eles.

Compreendemos, a princípio, que o sentido dado a “construir” refere-se a uma edificação e, neste caso, nem todas as construções tornam-se habitações; por exemplo, um indivíduo pode não se sentir pertencente ao lugar em que reside, mas pode habitar um local de lazer por sentir-se pertencente a ele. Contudo, “construir” pode ter um sentido mais amplo, pois, ao “construir” se elabora o lugar em que está, visto que “Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos [...]” (HEIDEGGER, 1954, p. 3). O indivíduo habita um lugar elaborado – construído – por meio de vivências ali impregnadas diariamente e, assim, fará a tessitura de sua vida, do seu ser. Sobre isso, Heidegger postula: “Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência.” (HEIDEGGER, 1954, p. 3). Nesse sentido, o “habitar” expõe estreita relação com o “pensar”, posto que a habitação de um ser em determinado lugar configura-se para além da dominação da espacialidade.

Ao habitar uma localidade, não só se ocupa um determinado espaço, mas processa-se as características desse local na mente, de modo que se pode habitar um espaço sem necessariamente fazer-se presente em sua espacialidade física. Ao rememorar um espaço considerado especial para o sujeito ou que recria características integrantes de sua personalidade, a habitação toma vez, nesse caso, não em sentido empírico, mas a partir de um viés mental, o que denota uma relação íntima entre habitação e pensamento.

Em diálogo com os pressupostos filosóficos de Heidegger, analisaremos um recorte de poesias de *E... Feito de luz*. A princípio, apresentaremos Minas no âmbito mítico, de acordo

com a percepção do eu lírico, de suas vivências na infância e das histórias narradas pelas mulheres de sua família. Vejamos uma das imagens contida na obra e o poema “Minas”:



Fonte: (CRUZ, 1995, p. 7)

Minas

Têm balões, três marias e disco voador
desfilando no céu do mundo,
desfilando no céu do Brasil.

Em especial desfilando em Minas Gerais –
terra extraordinária.
Não é à toa que os extraterrestres
frequentemente andam a pé por lá.

É verdade sim, quando dizem
que Minas recebe
Extraterrestre.
Eu sou de lá...

Existe muitas coisas estranhas por
aquelas bandas.
Minha mãe, viu várias vezes
a Mãe do Ouro reluzindo nas
noites escuras.
Minha tia avó deu um nó na ponta da saia,
andou léguas chegou na mata, agarrou
a cobra que mordeu seu filho.

Ta lá a sinergia dos extintos Quilombos,
os Quilombos e o Morro
da Força.

Minas é onde a terra é mais feminina.
Talvez seja essa a explicação
para tantos mistérios.
E Casos Sobrenaturais.
(CRUZ, 1995, p. 73)

A obra possui algumas imagens posicionadas aleatoriamente entre os poemas, as quais fazem alusão a objetos próprios da cultura mineira. A imagem do disco voador encontra-se na abertura do livro e ilustra bem o poema “Minas”, de forma que visual e gráfico se misturam na semiótica do poema e, conseqüentemente, pincelam uma poesia significada para além do verbal.

Como é possível notar, o cenário montanhoso de Minas é retratado de modo que, como afirma Alceu Amoroso Lima, “Minas é o centro alpestre do Brasil” (LIMA, 2000, p. 25). Sobrevoando as montanhas mineiras está o disco voador, representando este lugar e suas tradições, neste caso, o mito do “ET de Varginha” conhecido pela população brasileira.

O poema “Minas” é tecido como um retrato mitológico do estado mineiro. Entre os diversos mitos contados por meio das histórias populares, o eu lírico destaca alguns narrados por mulheres de sua família. Na primeira estrofe, percebemos um céu composto por balões, constelação e disco voador. Trata-se, portanto, de um céu particular, próprio dos mineiros e, aqui, lembremo-nos do significado da constelação de Três Marias ou constelação Órion, a qual remete-se ao mito grego, no qual Órion era um grande caçador assassinado por sua amada. Nesse ponto, o céu mineiro confronta-se com o firmamento da universalidade grega e podemos nos lembrar também da cidade de Três Marias, associando-a à constelação. Diante disso, a concepção de “local e universal”, discutida por Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (CANDIDO, 2007) auxiliará na nossa reflexão. Portanto, local (Três Marias) e universal (Constelação de Órion) se entrelaçam em um abraço que universaliza o mito ao regionalismo mineiro.

Outro mito contado por muitos mineiros e aqui representado é o do ET da cidade de Varginha, no sul de Minas. Segundo as narrativas populares, o ET foi avistado por três meninas, que o viram agachar-se no chão, por isso eles “frequentemente andam a pé por lá”. Não se sabe se era um homem ou não, o que de fato importa é que este mito se eternizou por meio das narrativas populares. A imagem do disco, da constelação e dos balões no céu faz-nos pensar que esses mitos pertencem a Minas. No entanto, eles alcançam uma dimensão universal, pois

desfilam “no céu do mundo” e, no caso da constelação, trata-se de um mito grego associado ao regionalismo mineiro, como exposto anteriormente.

As lendas mineiras tornam-se uma “verdade” a partir do momento em que são narradas pelas vozes populares. Na terceira estrofe, a existência mitológica é criada e confirmada (“É verdade sim, quando dizem [...] Eu sou de lá”) por meio das narrativas transmitidas a cada geração, expondo a força da narração de histórias, marca tradicional de muitas populações. Outro elemento textual que comprova o ato de contar um fato a partir da concepção popular está no verso “Minha mãe viu várias vezes”, referindo-se aos mitos “comprovados” pelas vivências dos antepassados, agora narrados pela voz materna.

O mito da “Mãe do Ouro”, na quarta estrofe, pertence ao folclore brasileiro: durante as noites escuras, uma grande bola de fogo surge e transforma-se em uma bela mulher, a qual atua como protetora do ouro e da natureza. Há, ainda, os que dizem que ela protege as mulheres que sofrem agressões de seus maridos.

A figuração da voz popular, representada pela tia avó, ainda na quarta estrofe, apresenta fatos comuns da vida regional, contudo, carregados de superstições. O ato de procurar a cobra que morde o filho indica um ensinamento popular, cuja função é retirar o veneno por meio do mesmo animal que o atacou. Ressaltamos aqui o fato de que o “ato heróico” de salvar o filho é realizado por uma mulher, o que expõe a força feminina e, por conseguinte, sua voz que emerge dos versos.

Na quinta estrofe, o sujeito lírico observa os ambientes mineiros e rememora, neste momento, os cenários Quilombolas e de Ouro Preto (“Morro da Forca”), fazendo referência ao sofrimento pelo qual os negros passaram. A última estrofe é uma justificativa ou uma conclusão feita pelo eu lírico para compreender que as vozes narradoras e os mitos narrados são compostos por mulheres: “Minas é a terra mais feminina”, por isso lá ocorrem tantos casos sobrenaturais. Assim sendo, todas as lendas mencionadas trazem em seu cerne a figura feminina concebida de forma imponente e singular.

Nesse sentido, a partir das imagens poéticas geradas pela escrita de Ana Cruz, verificamos que um local mitológico tende a ser construído. Perpassando por fatos da tradição popular, historicamente situados em épocas remotas do estado mineiro a fatos da contemporaneidade de Minas, o sujeito lírico tece a imagem de um local que, apesar de figurar como espaço regional, envolto de individualidades, faz transbordar o regionalismo para o mundo, de modo que regional e universal se entrelacem.

Detenhamo-nos a mais um dos poemas da autora:

Para todos os dias

Nasci onde o rio fazia uma curva
para descansar,
O fogo, água e mato.
A certeza, o tempo passando sem pressa.
A voz dos meninos se transformando.
Flores nas meninas começando a nascer.

Cigarra acordou cantando uma canção diferente
e o céu ta covado, sinal de chuva pesada

[...]

Água e brasa
e a mulher que benzeu todos nós.
Meu umbigo seco sagrado,
guardado num pedaço de pano,
anos depois devolvido à terra.

[...]

Um dia do passado
norteando os dias do presente!
Minha avó contando histórias
– distribuindo heranças.

História de uma família
que acompanhou o progresso,
mas não quis levar
o patuá de identidade.

[...]

E essas pessoas ficam
feito folha seca
ao vento...

Arrebatamento...
Juízo final...
Ressuscita, minha avó,
para dar jeito
nesse meu mundo.
(CRUZ, 1995, p. 9-10)

Em “Para todos os dias” verificamos que, novamente, o espaço revela-se como figura de destaque. Minas torna-se o centro do qual emana as memórias do eu lírico, de modo que descrições de objetos, paisagens, costumes populares e experiências de infância interpõem-se

sucessivamente nos versos. Nesse sentido, a rememoração desse espaço dá voga ao processo de travessia entre memórias resgatadas pelo eu lírico em diálogo com seu instante. Vemos o processo de vivências de um sujeito que deseja reencontrar-se e percebe que isso só será possível pelo resgate de sua ancestralidade enraizada no espaço de Minas.

A princípio, a passagem do tempo é confirmada pela metáfora da puberdade dos meninos e meninas, que, simultânea à mudança de voz masculina e ao afloramento feminino, discorre “sem pressa”, pincelando um momento em que o tempo é particular e próprio desse espaço envolto de memórias. No entanto, essa travessia não se expõe somente a partir da tranquilidade, posto que, nos versos seguintes, o clima pesado do ambiente denota uma transição regada por angústia. Assim, espaço e memória se misturam na medida em que o ambiente funciona como figura transfiguradora das experiências e sentimentos memorialísticos do eu poético.

Na quarta estrofe, o eu lírico passeia pelos espaços de seu passado e resgata personagens comuns – como a benzedeira –, que possui simbologia própria: ao benzer o umbigo, toma para si a função de intermediar um ciclo de vida e morte, pois o “umbigo seco sagrado” remete-se à vida que gradativamente se desenvolverá e, no seu fim, voltará ao pó, assim como apregoa o texto bíblico do Gênesis (GÊNESIS, 2010, p. 51).

Na quinta estrofe, percebemos que as memórias retomadas pelo eu lírico interferirão no instante em que ele se vê a refletir sobre estas recordações. Na verdade, o que foi lembrado – tal como é afirmado nos versos: “um dia do passado/ [norteará] os dias do presente” – será suficiente para recompor este “eu” em seu presente e em suas vivências. Agora, entretanto, as marcas do passado são rememoradas pela lembrança da avó, a qual “contando histórias” ecoa sua voz ao “[distribuir] heranças”, as quais são resgatadas pelo eu poético nesse percurso de travessia ao encontro de si e dos seus ancestrais. A ancestralidade ganha acentuado destaque na medida em que funciona como meio de transmissão cultural (ou de “heranças”), de modo que tal processo é parte constituinte da identidade do eu lírico.

Afora isso, o resgate de sua ancestralidade leva-o a reconhecer que faz parte de uma família que deixou para trás suas raízes em busca do progresso, como vimos na sexta estrofe. A próxima estrofe, nesse caso, nos apresenta uma metáfora que demarca a fragilidade desses indivíduos que, ao saírem de seu lugar de origem, permitem que suas raízes se percam ou fiquem esquecidas neste local outrora deixado. Nesse sentido, verificamos que o deslocamento espacial possui carga significativa na constituição identitária: ao abandonarem o espaço no qual

as suas raízes estão fincadas, tendem a fragmentar o seu interior. A ausência do espaço que os faz “inteiros” em si e em sua formação cultural, torna-os frágeis, deixando-se levar por qualquer direção como a “folha seca ao vento”.

Ao final do poema, interpõe-se uma marca transcendente, em que o eu lírico evoca a voz de sua avó, a qual figura como o resgate da ancestralidade, reconhecendo que será somente pelo valor dado à cultura de seus antepassados que essa família – “para dar um jeito/nesse **meu mundo**” –, antes mencionada, se redescobrirá.

Dessa forma, a última estrofe e o poema em sua totalidade afirmam que a maneira para que o sujeito lírico se recomponha em seu interior ocorrerá pelo resgate de sua ancestralidade. No momento ápice de sua vida – “Arrebatamento.../Juízo final...” –, o presente, marca temporal em que este “eu” anseia por uma mudança em si e nos que convivem consigo, será reconfigurado na medida em que ele resgatar o que fora deixado nos espaços do passado, guardando como uma “herança” a sua ancestralidade para compor em totalidade o seu lugar e a si.

Atentemo-nos, neste momento, à leitura do último poema desta análise:

Registro de um tempo

Os borrões de fogo do cachimbo de minha tia-avó
sobre o meu vestido de tafetá ou chita.
A sola dos meus pés queimadas pela brasa
cuspida da Maria Fumaça.

[...]

Linha do trem, linha do tempo, estrada de ferro.
Maria Fumaça, minha avó, minha mãe,
as irmãs de minha mãe, panela de ferro.
Todas numa mesma trançagem.

Trem de ferro, meu bisavô, os filhos do meu avô,
ferro de passar, caldeirão de ferro.
homens de Banto,
gente de ferro, gente de fogo.

Na linha do tempo
Atravessando a dor,
Povo de Guiné.
(CRUZ, 1995, p. 29)

O título desse poema é muito particular, visto que introduz os pontos que serão tratados em cada estrofe. No título, o artigo indefinido acompanhado do substantivo “tempo”, faz-nos

pensar em um recorte temporal marcado, registrado – assim como nos documentos – na memória do eu lírico. Ao revisitar suas lembranças, ele consegue acessar os momentos singulares de sua infância e de convivência com os seus familiares em um lugar do interior. Desse modo, o tempo alocado na memória – como é possível notar no desenrolar do poema –, funciona como o espaço no qual uma história desfila na linhagem temporal da tradição familiar, expondo o poder memorialístico como o fio condutor da história ancestral.

Nos primeiros versos do poema há duas marcas que delineiam pontos fundamentais para o eu poético: sua ancestralidade e seu lugar de origem. A imagem da “tia-avó” figura como marca ancestral, de modo que somente depois de se apresentar essa personagem é que o eu lírico, nos próximos versos mencionará os outros parentes. Assim, o sinal de brasa do cachimbo da “tia-avó” impregna-se no vestido da menina como um selo de uma união de cultura ancestral: a marca negra, o “tição” amarra, aproxima gerações separadas. A linhagem do tempo, metaforizada pela linha do trem está posta: a ancestralidade é marca que não se estagna em determinado recorte temporal, mas “caminha” ao longo da história. A identidade, portanto, tende novamente a se interpor pelas vias da ancestralidade que, nesse caso, transmite as marcas de um povo ao longo da linha temporal que liga passado e presente.

Além do selo ancestral recebido pela “tia-avó”, a voz lírica imprime em si o símbolo de seu lugar, como vemos nos versos: “A sola dos meus pés queimada pela brasa/ cuspada da Maria Fumaça”. Justamente por meio da metáfora do trem de ferro, a qual representa um elemento próprio do cenário do interior de Minas, o eu lírico revisita seu lugar de origem. Seus pés descalços queimam-se na caminhada de retorno, marcando cada passo como um meio de se firmar naquele lugar de que sentia saudade. Nessa perspectiva, a ancestralidade delimita o seu espaço que é marcado pelo local/Minas, ponto de concentração de uma herança transmitida no tempo e, agora, no espaço.

Nesse mesmo cenário, a linha do trem, na segunda estrofe, figura como metáfora de passagem, de travessia, que une essas gerações, aparentemente, distanciadas pelo espaço geográfico e cultural. Temos, agora, a figura da mãe, da avó e das tias que se cruzam e se unem – “todas numa mesma trançagem” – visando ao fortalecimento da ancestralidade de uma menina que revisita e recupera seu passado pela metáfora da linha do trem. Pelas vias da “trançagem” ancestral, a identidade tende a se interpor, dando voga à afirmação da força feminina exposta nos versos.

Essas mulheres atuam em um cenário em que há a representação de elementos que correspondem à cultura do interior de Minas: “o cachimbo”, o “vestido de chita”, a “Maria Fumaça”, a “panela de ferro”, de modo a compor todo o ambiente na memória do eu lírico, firmando o poder identitário da espacialidade rememorada.

A imagem do “trem de ferro” ainda percorre os últimos versos do poema na medida em que estreita a linha entre a origem mineira e a ancestralidade africana, como vemos no verso: “gente de ferro, gente de fogo”. As metáforas desse verso tornam-se associáveis aos espaços de Minas e África: de um lado, há o ferro, que se remete à figura do trem e dos objetos que representam a cultura mineira; de outro, figura o fogo, o qual faz alusão ao povo banto por meio da simbologia do fogo nas religiões africanas. A travessia rememora Minas e as dores pelas quais seus ancestrais passaram: “povo de Guiné”, antepassados que foram escravizados em terras estrangeiras.

Travessia e espaço expõem-se como figuras centrais dos versos supracitados. Os espaços de África e Minas – pontos fulcrais em torno dos quais giram a identidade desses povos e elos aparentemente distantes geograficamente – nas linhas de “Registro de um tempo” são aproximados pelas vias do poder memorialístico da palavra. Detendo-nos a esse ponto de vista, o poema tratado acima é, senão, a macrometáfora da linha temporal que liga duas culturas e dois recortes temporais em um mesmo espaço, nesse caso, no cosmos da palavra.

Assim, o espaço de Minas se constrói não mais na geografia do espaço físico, no entanto, na espacialidade poética da memória, de forma que o sujeito tende a encontrar-se na identidade rememorada do local de origem. Nessa perspectiva, a escrita de Ana Cruz remete-se aos apontamentos de Heidegger, para quem o espaço é o local de encontro da identidade do ser.

E, detendo-nos à perspectiva de Heidegger, a relação entre “homem e espaço”, portanto, é compreendida pelo exemplo da “ponte”, apresentado na conferência mencionada. A partir do exemplo da ponte como “lugar”, o filósofo propõe três premissas: i) *spatium* (espaço) sugere a ponte como um mero objeto que ocupa um lugar; ii) *abstractum* representa o “espaço-entre”, é a distância e a proximidade entre as coisas; iii) *extensio* (extensão) é o que se chama de “o espaço”. Aqui, não há puramente a ideia de espaço ou um lugar, mas um “espaço-entre”, novamente, ou uma “extensão”. “Espaço” e “extensão” relacionam-se a partir do intervalo das coisas.

Os pontos definidos pelo autor levam-nos à ocasião que estreita os laços entre “homem e espaço” a partir do momento em que o homem passa pelos espaços deixados nos intervalos

das coisas ou dos lugares. Assim, afirma Heidegger: “Os espaços abrem-se pelo fato de serem admitidos no habitar do homem.” (HEIDEGGER, 1954, p. 8). A abertura dos espaços, portanto, ocorre no momento em que o homem, segundo Heidegger, retorna a um determinado local pela mente. Em outras palavras, quem está distante da ponte, por exemplo, pode estar muito mais próximo do que quem a atravessa todos os dias de modo indiferente a ela e ao que ela possa representar, uma vez que a rememoração do espaço “ponte” recria esse local na mente do sujeito, inserindo-o na habitação mental de tal espaço.

E, nesse sentido, podemos compreender, segundo o filósofo, que “Sempre atravessamos espaços de maneira que já os temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos de-moramos junto a lugares próximos e distantes, junto às coisas.” (HEIDEGGER, 1954, p. 8). Esses espaços atravessados demarcam no interior do sujeito uma espacialidade que, articulada aos processos de pensamentos, alocam-se em sua mente, produzindo um “habitar” mental para o local captado pela percepção sensível.

Daí é que a ideia de pertencimento ganha destaque na medida em que, ao captar uma espacialidade que denota características constituintes da personalidade do sujeito, surge o sentimento de pertencimento e de identidade, de modo que o espaço, processado no “pensar”, é característica formadora do ser. Nos poemas destacados neste estudo, eu lírico e espaço expõem-se a partir de íntima relação. Verificamos, ao longo dos poemas, uma voz lírica profundamente inquieta, que, justamente pelo fato de estar longe fisicamente de sua habitação, sente-se fragmentada e incompleta. A memória, concretizada na palavra poética, ganha destaque nesse ponto, uma vez que a escrita mostra-se como meio pelo qual os locais outrora distantes são acessados na memória deste ser.

Para tanto, os versos dos poemas de *E... feito de luz* dão voga a memórias que trazem à tona tradições populares, narração de estórias e representação de ambientes típicos do interior de Minas, bem como pessoas e objetos especiais para o eu lírico. Acerca disso, Heidegger pontua: “Quando nos recolhemos - como se diz - dentro de nós mesmos, é a partir das coisas que chegamos dentro de nós, ou seja, *sem abrir mão* da de-mora junto às coisas.” (HEIDEGGER, 1954, p. 8 – grifos do autor). Ao acessarmos espaços marcados na interioridade do ser, pelas vias do ato de “demorar-se” nas coisas que constituem tais locais, é que a identidade tende a se interpor, já que o sentimento de habitação oriundo da espacialidade rememorada é, senão, o caminho pelo qual “chegamos dentro de nós”, tal qual o eu lírico dos versos de Ana Cruz.

Rememorando os locais, as estórias e os ambientes de África e Minas, o eu lírico acaba por encontrar habitações que fazem parte da construção de sua história e, conseqüentemente, de si: o espaço, a partir desse viés, torna-se a rota por meio da qual a voz poética reencontra as suas raízes.

Ao tomarmos como base a escrita elaborada em *E... Feito de luz*, verificamos que a perspectiva da “habitação” se interpõe de forma insistente. Nesse caso, observamos o percurso de um eu lírico que, processado na escrivência da autora Ana Cruz, encontra-se fragmentado devido ao fato de habitar um lugar dissemelhante das raízes criadas no seu passado. A partir disso, a memória, concretizada nas linhas poéticas, toma papel relevante ao passo que é o meio pelo qual os “lugares” de outrora são resgatados.

Por sua vez, Heidegger em sua conferência *Construir, habitar, pensar*, aponta para o fato de que a habitação está para além do seu papel empírico. Segundo o filósofo, habitar não diz respeito somente a uma ocupação física de determinado espaço, todavia é um conceito que se situa também na experiência da rememoração, em que, ao se recordar um determinado local, está a habitá-lo pelas vias do “pensar”.

Os poemas analisados neste estudo expõem a íntima relação entre a memória – traduzida na palavra poética – e o espaço. O sujeito lírico dos versos supracitados, ao verificar a sua fragmentação identitária oriunda da deslocação espacial, busca no seu interior memorialístico as habitações de suas raízes. Dessa forma, ao rememorar os locais de África e Minas, o eu lírico adentra um percurso interior no qual reencontra a si e a sua identidade.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CRUZ, Ana, *E... feito de luz*. Niterói: Ykenga Editorial. 1995.
- EVARISTO, Conceição. Nos gritos d’Oxum quero entrelaçar minha escrivência. In.: DUARTE, Constância Lima (Org.) *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.
- GÊNESIS. *BÍBLIA*. Trad. Mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica). Santa Catarina: Ave Maria, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Pfullingen: VortägeundAufsätze, 1954. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acesso em: 7 de jan. de 2019.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro, Vozes: Educam, 2000.

NASCIMENTO, Giselda Melo do. Ana Cruz. In.: DUARTE, E. A. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Artigo recebido em fevereiro de 2019.
Artigo aceito em abril de 2019.